

REGRESSO AO FUTURO

Os frescos das gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos são as obras de maior fôlego e dimensão de Almada Negreiros. Motivos da Lisboa ribeirinha de então – varinas, artistas de rua, estaleiros, embarcações... – dominam o total de 14 painéis. O traço faz pensar na herança artística de Picasso e no estilo de Candido Portinari; os temas representados não agradaram ao gosto mais conservador do Estado Novo. Está na hora de (re)vermos estas obras com atenção

— POR PEDRO DIAS DE ALMEIDA TEXTO MARCOS BORGA FOTOS

“**C**reio não haver antes cumprido melhor, nem feito obra que fosse mais minha”, diria, em 1953, o “artista total” Almada Negreiros, poeta, ensaísta, romancista, ator, bailarino, pintor, desenhador, provocador... O processo de criação e concretização dos 14 painéis que se podem ver na Gare Marítima de Alcântara (oito) e Rocha do Conde de Óbidos (seis, e era destes que Almada falava na citação acima) não foi simples nem pacífico.

Bem à portuguesa, o ambicioso projeto de construir duas grandes gares à beira Tejo, na zona de Alcântara, para receber os visitantes que chegavam a Lisboa sofreu grandes atrasos que puseram mesmo em causa um dos objetivos iniciais: tê-las prontas a tempo da grande Exposição do Mundo Português, que aconteceu entre junho e dezembro de 1940, grande operação de propaganda e exibição dos valores do

Estado Novo. Projetadas pelo arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, seriam inauguradas apenas em 1943 (Gare Marítima de Alcântara) e 1948 (Rocha do Conde de Óbidos). A primeira tinha como grande objetivo receber os passageiros que viajavam na primeira classe, mas a ambição era ainda maior: afirmar Lisboa como grande Cais da Europa. A sempre imprevisível História tinha outros planos e alguns anos mais tarde, na década de 60, elas seriam sobretudo conhecidas como ponto de embarque de soldados que chegavam a Lisboa de todo o País para rumarem para a Guerra Colonial...

Quando Almada Negreiros começou a pintar os frescos que adornam os átrios centrais das duas gares já elas estavam em funcionamento, símbolo e fruto da política de obras públicas do Estado Novo liderada pelo ministro e engenheiro Duarte Pacheco (que morreria num acidente de automóvel em 1943, com apenas 43 anos). Os 14 painéis chegaram aos dias de hoje intactos e com um estatuto de grande prestígio como grandes obras de arte do século XX português. Mas podia não ter sido assim... Aliás, por vontade de alguns representantes do poder que fez a encomenda a Almada, eles teriam mesmo sido destruídos ou completamente desvirtuados... Como veremos, o lado provocador de José de Almada Negreiros,



▲ **Gare Marítima de Alcântara**
No centro do grande átrio, construído para receber os visitantes mais ilustres que chegavam a Lisboa por via marítima, vê-se a réplica (feita pelos móveis Olaio) do sofá redondo que ali estava originalmente. Em baixo, entrada do novo Centro Interpretativo que contextualiza os painéis de Almada Negreiros



VER ALMADA EM LISBOA

Cinco edifícios da capital onde se pode ver o talento de Almada Negreiros – em frescos, vitrais e até tapeçarias



Igreja de Nossa Sra. de Fátima

1938

Numa caricatura oferecida e dedicada ao próprio caricaturado, Almada Negreiros escreveu: "Ao Arquiteto Pardal Monteiro que me fez vitralista, e fresquista e amigo." A primeira colaboração com o arquiteto aconteceu com a encomenda dos vitrais para a arrojada Igreja de Nossa Sra. de Fátima, na Av. de Berna. Apesar de não ser católico praticante, anos mais tarde Almada será também o criador dos vitrais do transepto da Igreja do Santo Condestável, em Campo de Ourique, um projeto do arquiteto Vasco Regaleira.



Edifício Diário de Notícias

1939/40

Foi neste edifício de Pardal Monteiro (Prémio Valmor de 1940) que Almada se estreou em frescos de grande dimensão. Na recepção do jornal recuava-se ao imaginário dos antigos mensageiros e lia-se uma frase de Camões: "Quem não sabe Arte não-na estima." Mas os mais monumentais frescos estão na sala do piso térreo do que é agora, sinal dos tempos, um edifício de habitação de luxo. Nela encontramos um grande planisfério, a lembrar a cartografia do tempo das Descobertas, Portugal e as quatro estações e uma ilustração horizontal do ciclo das notícias até serem distribuídas pelas ardinhas nas ruas.

nascido em São Tomé e Príncipe em 1893 rivalizou, nestes projetos, com os seus talentos artísticos de muralista.

UNS "MAMARRACHOS"

Certo é que a partir desta semana, podemos dizer que Lisboa tem um novo museu sobre a sua História, o Centro Interpretativo – Murais de Almada nas Gares Marítimas. E, agora sim, a capital portuguesa recebe milhares e milhares de visitantes por ano... O projeto nasceu de um entendimento entre a Associação de Turismo de Lisboa, a Câmara Municipal e a Administração do Porto de Lisboa. E dificilmente teria sido possível se este património nacional não tivesse sido escolhido para o programa Watch 2022, do World Monuments Fund, uma associação norte-americana sem fins lucrativos que se dedica à preservação de legados artísticos e monumentais em todo o mundo, especialmente preocupada com as ameaças que derivam das alterações climáticas. Os seis painéis da Gare da Rocha do Conde de Óbidos que agora se podem visitar já foram intervencionados; os oito da Gare Marítima de Alcântara ainda vão ser, e os visitantes vão poder assistir a vários momentos dessa intervenção. Vistas à distância, estas coloridas pinturas murais parecem manter toda a sua integridade, mas se atentarmos a pormenores é fácil identificar manchas e áreas danificadas.

Almada Negreiros só acabou de pintar os painéis da Gare Marítima de Alcântara, no ano em que terminou a II Guerra Mundial, 1945, depois de Portugal ter recebido milhares de refugiados europeus tentando fugir da ameaça nazi em direção ao outro lado do Atlântico. O trabalho na Rocha do Conde de Óbidos só terminaria em 1949 e esteve mesmo em risco de não ser concretizado por Almada, como estava previsto desde início. Quando o ministro Duarte Pacheco viu o resultado final das pinturas na gare de Alcântara, que deveriam prestigiar o País perante os mais ilustres visitantes, terá dito que eram... "feias", uns "mamarrachos." Mas não seria só, ou sobretudo, o critério estético a incomodar as figuras mais proeminentes do Estado Novo. Almada não alinhou no clássica e esperada abordagem de glorificação dos mitos da História portuguesa. A realidade quotidiana impôs-se naquela obra do regime, e os poderes

O poderoso criador do Secretariado da Propaganda Nacional, António Ferro, intercedeu a favor de Almada Negreiros junto de um céptico Oliveira Salazar



▼ **Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos** A vida quotidiana da zona ribeirinha de Lisboa, com varinas, estaleiros e pescadores, entrou para dentro destes edifícios, o que não agradou aos mais conservadores membros do Estado Novo, que prefeririam narrativas míticas e a glorificação do passado português



▲ **Legado** Em cima, um painel criado pelo ilustrador João Fazenda homenageando, no centro interpretativo, a tradição muralista ao longo da História. Em baixo, a zona onde se pode ficar a conhecer melhor o percurso de Almada Negreiros (1893-1970)

autoritários não costumam gostar de ver a realidade a surgir aos olhos de todos, sem freios... Almada optou por ilustrar a lengalenga popular da Nau Catrineta, “que tem muito que contar” abordando as aventuras e desventuras dos Descobrimentos e a Lenda da Nazaré e de D. Fuas Roupinho. Noutro tríptico, onde se evoca a paisagem lisboeta, escreveu um dito popular: “Quem não viu Lisboa não viu coisa boa.” E mesmo abordando temas históricos, Almada não resistiu a expor assuntos contemporâneos. Estão lá, por exemplo, as vidas duras das carvoeiras, mulheres que transportavam carvão, muitas vezes em pranchas precárias com um equilíbrio instável que as faziam cair à água,

Ainda este ano deverá abrir um restaurante no primeiro piso da Gare Marítima de Alcântara

pescadores humildes e varinas descalças em vez dos heróis históricos que a ditadura queria celebrar (como aconteceu, por exemplo, no Padrão dos Descobrimentos, construído para a Exposição do Mundo Português). O poderoso e influente criador do Secretariado da Propaganda Nacional, António Ferro, intercedeu a favor de Almada junto de um cético Oliveira Salazar: não havia dúvidas de que aquelas obras tinham uma inquestionável qualidade artística e prestigiavam as paredes das gares marítimas.

“SÓ ENTRA AQUI QUEM EU QUERO”

Mas a continuidade do trabalho de Almada esteve mesmo em causa, e nesse momento foi também o arquiteto Pardal Monteiro a interceder pelo artista e amigo. Poder-se-ia pensar que Almada Negreiros suavizaria a tendência provocadora no projeto para a Gare da Rocha do Conde de Óbidos. Mas aconteceu precisamente o contrário. Anunciou que iria abordar o mito de Ulisses da fundação de Lisboa, misturando mitologia grega e heróis dos Descobrimentos. Mas não foi isso o que acabou por fazer... Estes seis painéis põem menos o foco na paisagem

lisboeta e sublinham mais as personagens e figuras humanas: emigrantes, a ansiedade de quem parte para as Américas, varinas negras, saltimbancos e pedintes... Há todo um imaginário neorrealista, a fazer pensar na obra do pintor muralista brasileiro comunista Candido Portinari, muito distante do discurso propagandista do Estado Novo. Mas Almada já era uma figura importante na cultura nacional e teve mais gente a interceder por ele quando se chegou a considerar a destruição daquela obra: João Couto, então diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, dirá que nenhum outro pintor português poderia cumprir aquela missão.

Sarah Affonso, mulher de Almada desde 1934, ajudou-o nesse exigente trabalho na Rocha do Conde de Óbidos (depois do trabalho de criação e preparação, cada painel demorava sete dias a pintar) e, em depoimento à nora de ambos Maria José de Almada Negreiros, recordaria: “Na Rocha do Conde de Óbidos está a história da vida ribeirinha de Lisboa, de um lado as varinas, que vendem o peixe, do outro a construção dos barcos à beira-mar, e outro painel é um barco feito, pronto a navegar. Na praia há uns saltimbancos a brincar. E isso é que escandalizou as pessoas, não perceberam, acharam os saltimbancos fora de propósito. E numa das visitas das pessoas que lá iam ver o trabalho, um rapazola pôs-se a dizer graçolas para os outros e a fazer troça. E o Zé disse: ‘Há uma pessoa que se está a portar mal. Se eu o tornar a ouvir, ponho-o lá fora. Enquanto eu estiver a trabalhar aqui, este lugar é meu. Só entra aqui quem eu quero. Se quiserem rir, esperem que eu já cá não esteja e então podem rir à vontade.’” Os visitantes que em pleno século XXI ali entram são agora outros, mas a liberdade e integridade de Almada continua ali, intacta. Este novo polo turístico lisboeta dá a alternativa aos visitantes de verem só os painéis nas gares marítimas (a viagem de uma para outra, de cerca de 800 metros, será feita em veículos inspirados nos que Pardal Monteiro desenhou para transporte de bagagens) ou de complementarem a visita com a passagem pelo Centro Interpretativo, no rés do chão da Gare Marítima de Alcântara. Essa visita completa é altamente aconselhável, porque ali se faz, com textos mas também material audiovisual, uma completa contextualização não só das obras de Almada Negreiros ali presentes mas também da vida social e política da época, recordando as várias vagas de embarcações, em partidas e chegadas, que por ali passaram. Ainda este ano deverá, também, abrir um restaurante no primeiro piso da Gare Marítima de Alcântara. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

|| palmeida@visao.pt

Centro Interpretativo - Murais de Almada nas Gares Marítimas > Doca de Alcântara, Lisboa > seg-dom, 10h-19h > €3 a €5

Cidade Universitária

1958/61

Última colaboração com o arquiteto Pardal Monteiro. Destaque para os desenhos gravados, em cores primárias, vivas, nas fachadas das faculdades de Direito e de Letras. Na primeira, representam-se figuras do mundo da justiça, da Antiguidade aos legisladores portugueses (os motivos, mais esotéricos e pessoais, propostos para encimar a porta de entrada não foram autorizados). Na segunda, encontram-se referências da literatura internacional e portuguesa. Fernando Pessoa, amigo de Almada, tem direito à ilustração de três heterónimos e uma personagem (o “menino de sua mãe”).



Hotel Ritz

1959

Este hotel de cinco estrelas (na Rua Rodrigo da Fonseca, 88) foi uma obra do regime, nascido da cumplicidade entre o ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, e o arquiteto Pardal Monteiro. No seu interior podem encontrar-se variadas obras de arte. Com a assinatura de Almada, três grandes tapeçarias quadradas (produzidas nas Tapeçarias de Portalegre) dominam o Salão Nobre, com uma história de amor mitológica, entre dois centauros. Mais discreta, uma parede negra gravada a dourado representa A Sesta.



Fundação Calouste Gulbenkian

1969

Ironicamente, mas com toda a intenção, a última grande obra de Almada Negreiros chama-se *Começar*. É um grande painel gravado, com mais de 12 metros de comprimento, que domina o hall de entrada da Fundação Calouste Gulbenkian, inaugurada em 1969, um ano antes da morte do artista. A ambição era imensa: fazer uma síntese de toda a sua vasta obra, usando numerologia, geometria exata, proporções rigorosas.